

Impacto do paradigma ficção x realidade na produção midiática da Igreja Adventista do Sétimo Dia¹

Aline Gabriel OLIVEIRA²
Aline Lüdtke de ARRUDA³

RESUMO

O cancelamento da websérie ficcional “The Record Keeper”, alvo do investimento de quase U\$1 milhão pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), trouxe à tona questões antigas da relação da IASD com produção ficcional. Uma vez que a série tinha fins evangelísticos e a ficção havia sido escolhida como ferramenta chave para alcançar esse público consumidor, o paradigma ficção x realidade aparece no documento oficial publicado para justificar o cancelamento, cujos argumentos esbarram na questão. A discussão, na verdade, tem início por volta dos anos 1800s nos Estados Unidos, momento em que Ellen G. White, figura de autoridade quanto aos costumes e estilo de vida adventista, publicava seus escritos, os quais contêm orientações e conselhos tidos em alta conta pela própria organização da Igreja Adventista até hoje. Entre essas orientações, a autora desaconselha fortemente o uso de ficção, apresentando fortes e incisivos argumentos. Essa opinião continua sendo o norte da IASD ao produzir materiais literários e audiovisuais. No entanto, estudiosos da autora, como Scott E. Moncrieff, Milton Torres, Gary Land e Malcolm Bull e Keith Lockhart, no entanto, defendem que, com cuidadosa análise dos escritos de Ellen White, a autora condenava um tipo de literatura de ficção de baixa qualidade de sua época, e não o gênero em si. A partir dos estudos sobre Ellen G. White e ficção, bem como análise de um caso de produção midiática da Igreja Adventista, pretende-se compreender como a IASD define o paradigma ficção x realidade e como essa definição atua na relação da Igreja com produções midiáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Adventismo; mídia e religião; ficção; Ellen G. White.

INTRODUÇÃO

Em 2012, no I Fórum Web Adventista, foi anunciado a produção da websérie ficcional “The Record Keeper”, com o apoio da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia . Tendo como proposta de chamar a atenção de um público não religioso

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18/08/2016.

² Bacharelada em Jornalismo pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), Campus Engenheiro Coelho (UNASP), e-mail: alinebie195@hotmail.com

³ Bacharelada em Jornalismo pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), Campus Engenheiro Coelho, e-mail: aline.ludtke@hotmail.com

e que consome produções audiovisuais de ficção, incentivando o estudo da Bíblia. Mas em 2014, a liderança mundial da Igreja Adventista suspendeu o lançamento da websérie, alegando erros teológicos e questionando a sua funcionalidade como meio evangelístico. O Biblical Institute Research, departamento de pesquisa da Igreja Adventista nas áreas de teologia, doutrina e estilo de vida cristã, publicou um documento oficial que explicava os motivos para o cancelamento da série. Com base nesses acontecimentos, o objeto de estudo deste trabalho é o documento oficial da igreja.

A intenção inicial da Igreja Adventista era investir na criação de um produto audiovisual como uma ferramenta de evangelismo. No entanto, historicamente, a instituição apresenta certa resistência com o gênero ficção. Essa resistência está baseada nas publicações da escritora Ellen G. White, figura de autoridade quanto aos costumes e estilo de vida adventista, que parecem condenar a ficção. Com tal característica, o problema de pesquisa é: em que aspectos o documento oficial publicado pela Igreja Adventista se baseia no preconceito pela ficção?

Com base na pergunta feita anteriormente, temos as seguintes hipóteses: a primeira é de que existe um paradigma ficção x realidade levado em conta nas decisões da Igreja por causa de uma interpretação das publicações de Ellen G. White sobre a ficção. A segunda hipótese é de que a ficção é muitas vezes ‘demonizada’ pela Igreja e, por isso, não é considerada eficaz como meio de evangelização.

Este artigo tem como objetivo definir o paradigma de ficção versus realidade que influencia as decisões da Igreja Adventista do Sétimo Dia em suas produções audiovisuais e analisar o documento oficial para entender quais argumentos esbarram nesse paradigma, e então traçar perspectivas de como lidar com a questão. Para isso, será feita uma análise documental da publicação oficial e uma análise bibliográfica de estudos sobre os escritos de Ellen G. White encontrados na Enciclopédia de Ellen G. White e nos livros *The World of Ellen G. White*, organizado por Gary Land, *Seeking a Sanctuary*, de Malcolm Bull e Keith Lockhart, dos artigos *Ellen G. White e a ficção literária*, de Milton Torres e *Adventista e ficção: outra consideração*, de Scott E. Moncrieff e a tese de doutorado em Ciências da Religião de Allan Novaes.

O PARADIGMA DA FICÇÃO

Ao analisar as recomendações de Ellen G. White quanto ao consumo de ficção, a prática é fortemente desaconselhada pela autora, sob os argumentos de que “anima o hábito da leitura apressada e superficial, unicamente pela história. Tende assim a destruir a faculdade de pensar com coerência e vigor; incapacita a alma para contemplação dos grandes problemas do dever e do destino” (WHITE, 2013, p.445). Das mais variadas formas, a autora traz a ficção como um problema a ser combatido e evitado a todo custo pelo cristão.

De fato, Bull e Lockhart (2007, tradução nossa) reconhecem que “enquanto os adventistas são cuidadosos quanto ao vestuário para não ficarem presos a uma época, eles são desencorajados a acompanhar outras formas de cultura popular que possa oferecer uma compreensão antagônica da estrutura e significação do tempo”, apontando a ficção como exemplo desse comportamento. Em sua análise sobre a cultura e estilo de vida adventista, os estudiosos avaliaram que a sociedade adventista apresenta resistência ao uso de ficção por causa da diferente sensação de tempo experimentada pelo leitor. Essa sensação seria um escapismo que distrairia o adventista de seu propósito fundamental, apocalíptico. No entanto, os próprios autores admitem que apesar de condenar a ficção, a referida autora percebeu que o recurso poderia ser usado para reforçar as crenças adventistas (BULL E LOCKHART, 2007).

Moncrieff (1996) e Torres (2013), no entanto, observam que os escritos de Ellen G. White, assim como com toda publicação, devem ser entendidos sob as condições em que foram produzidos. Cada uma de suas recomendações precisam ser acatadas com as ressalvas do contexto específico sob a qual foram escritas. Por isso, não é possível analisar o paradigma da ficção sem entender um aspecto fundamental: a má compreensão do conceito de ficção, e, como consequência, má aplicação das recomendações contrárias a ela.

Torres (2013) definiu ficção não como um gênero, mas um estilo literário: “qualquer forma de narrativa que contemple eventos que, no todo ou em parte, não são factuais, mas imaginários ou inventados pelo autor. Apesar disso, há tipos diferentes de ficção”. O autor ainda observa que à época de Ellen G. White, não havia nem mesmo

um estudo sistematizado de literatura contemporânea na época, o que torna o uso do termo ainda menos específico. Por outro lado, Land (1987, tradução nossa), traça o perfil da produção literária nos anos 1800s nos Estados Unidos: “de acordo com os comentários típicos da época, a leitura de ficção ‘polui a imaginação’ e dá à juventude ‘falsas ideias da vida’”. O autor relata que as produções literárias da época eram contos, em geral, carregados de sentimentalismo, trazendo como protagonistas mulheres e suas vidas amorosas. Em outras histórias, o enredo narrava conflitos sangrentos entre índios e colonizadores. Autores contemporâneos de respeitados escritores como “Edgar Allan Poe, Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau, Nathaniel Hawthorne, Herman Melville, Walt Whitman, Emily Dickinson, Mark Twain e Henry James” (LAND, 1987) faziam muito mais sucesso ao vender seus romances, conhecidos como *dime novels* ou *pulp fiction*. A própria universidade de Harvard alertava contra a ficção.

Tendo tal contexto em mente, não é de se admirar que Ellen G. White apelasse aos seus fiéis contra o consumo de tais obras, principalmente em se levando em conta a característica apocalíptica de todo o estilo de vida adventista (BULL e LOCKHART, 2007). Por isso, é importante entender que o que era condenado era o tipo de produção ficcional largamente produzida e comercializada no contexto de vida de Ellen G. White. O que dá sustentação a esse ponto de vista é a prática da própria autora, que chegou a reunir pequenas histórias de ficção com lição de moral numa coletânea que recomendou como própria para crianças, além de recomendar a obra de ficção cristã “O Peregrino”, de John Bunyan (TORRES, 2013). É preciso citar também elementos ficcionais encontrados na própria Bíblia Sagrada, nas parábolas que Jesus Cristo contava, por exemplo.

Apesar disso, a ficção ainda é vista com certo preconceito por muitos dos membros da Igreja Adventista e sua produção pela própria Igreja é acompanhada de diversos cuidados. “Importantes autores adventistas, como June Strong, Trudy J. Morgan-Cole e Rafael Escandón” (TORRES, 2013) não tiveram o mesmo reconhecimento de John Bunyan, por exemplo. A principal característica ficcional de seus trabalhos é apontada como a razão pela qual eles se sentiram desencorajados. Apesar disso, produções mais recentes como “O Fim do Começo”, de Carolina Costa

Cavalcanti, publicado recentemente, foi mais bem aceito. A discussão é antiga, mas os efeitos dela continuam. Controversa, ainda se pode perceber as diferentes maneiras de lidar com ela. Principalmente, ao se perceber a diferente reação entre produtos literários e audiovisuais.

A HISTÓRIA DE *THE RECORD KEEPER*

The Record Keeper conta a história da rebelião dos anjos no céu e de como o pecado atingiu a humanidade. A narrativa é contada a partir da perspectiva dos anjos Caden e Larus, que tentam manter a amizade mesmo estando em lados opostos.

A produção da websérie ficcional foi anunciada em 2012 com a proposta de chamar a atenção de um público não religioso e que consome produções audiovisuais de ficção, incentivando o estudo da Bíblia. Patrocinado pela Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia (a sede mundial da instituição), a produção que custou quase US\$1 milhão foi chamada de “evangelismo criativo” pelos dirigentes da organização. Baseada no livro “O Grande Conflito”, da escritora cristã norte-americana Ellen G. White, o objetivo da série era adaptar a linguagem da mensagem bíblica de maneira que um público, em geral, não interessado em conteúdo religioso, se sentisse motivado a estudá-lo.

“The Record Keeper” foi produzido no estilo *steampunk*, uma mistura de futurismo com elementos vitorianos e medievais, marcando a sensação de tempo da história e mantendo, em certo sentido, a indefinição de como seja o ambiente celestial, em que se passa boa parte dos episódios. A dinamicidade do enredo fica por conta dos efeitos especiais que caracterizam o ‘mundo’ sobrenatural e do roteiro marcado pelo conflito entre o bem e o mal.

Ao primeiro anúncio sobre a produção da série, seguiu-se ampla divulgação, como a publicação de notas e matérias em portais de notícias cristãos sobre o lançamento, bem como a criação de uma página na rede social Facebook para a série. Na página, foram disponibilizados vídeos dos bastidores, além de compartilhar com os “fãs” os prêmios concorridos e ganhos por “The Record Keeper”, ainda em fase de produção. Na edição do Geekie Awards, a série superou produções já bem conhecidas

do público e ganhou em primeiro lugar a categoria One Shot. A movimentação iniciada na internet tomou forma e a expectativa pelo lançamento – que foi adiado algumas vezes – era demonstrada pelos inúmeros comentários nas publicações da página.

A expectativa, no entanto, foi quebrada não apenas pela constante remarcação de data do lançamento, mas pelo anúncio, feito também pela Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, de que a série seria cancelada. O anúncio, feito ainda no mesmo ano, dividiu opiniões sobre a série e trouxe ainda mais dúvidas sobre a utilidade da série para sua proposta original. Para responder às perguntas, o Biblical Institute Research publicou um documento com uma lista de fatores que teriam motivado o cancelamento, considerados erros teológicos encontrados na trama. Ao analisá-los, no entanto, encontramos alguns aspectos relacionados à natureza ficcional da produção. O paradigma ficção versus realidade é discutido desde que a escritora Ellen G. White incluiu em suas publicações orientações desfavoráveis ao uso de ficção. Seus escritos, porém, ao serem analisados dentro de seu contexto específico, parecem apresentar uma visão diferente.

DOCUMENTO OFICIAL E O PROBLEMA FICÇÃO

No dia 11 de abril de 2014, a liderança mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia anunciou a sua decisão de cancelar a websérie *The Record Keeper*. A decisão foi tomada após uma análise cuidadosa da série, pela liderança mundial da igreja. O *Biblical Institute Research* fez um documento oficial explicando os motivos que levaram ao cancelamento da websérie. Nesse documento continha uma análise bíblica de questões, consideradas pela administração mundial da igreja, problemáticas e teologicamente incorretas mostradas em *The Record Keeper*.

O que a liderança da IASD esperava era a reprodução exata na descrição do amor de Deus, a criação do mundo perfeito, o plano de salvação e a renovação permanente do céu e da Terra, como o registrado na Bíblia. Esses pontos não foram fortemente trabalhados na produção da websérie, que se concentrou em contar os pontos de vista do bem e do mal a respeito do grande conflito. Isso se deve ao “textocentrismo” apontado por Novaes (2016), que ditava as produções ‘artísticas’ da IASD. Desde o

início do movimento, a ideia era romper com os costumes católicos e a valorização do texto para fins evangelísticos veio como consequência. Assim,

as ilustrações [...] não eram consideradas fruto da criatividade e imaginação, mas uma conversão fiel da descrição textual da Bíblia. Em outras palavras, as primeiras produções visuais adventistas deveriam ser encaradas como uma espécie de “texto-imagem” (Novaes, 2016, p.100).

Além desse entendimento, deve-se levar em consideração

a ênfase cognitiva e lógica da experiência religiosa e da antropologia adventista [que] podem [facilitar] a demonização da mídia televisiva caso ela seja encarada como um meio que interrompe ou prejudica o funcionamento normal da mente humana, considerado o canal pelo qual Deus se comunica com a humanidade (Novaes, 2016, p.111).

Todos esses fatores contribuem para a preferência, de certa forma, de uma literalidade do elemento visual – seja em ilustrações ou produções audiovisuais. Essa característica entra em conflito com a produção dramática ficcional, já que a forma é pensada para provocar o espectador ou mesmo passar uma mensagem de maneira não tão óbvia. Assim, querendo levar a mensagem pregada pela IASD, a produção da websérie poderia enfatizar outros aspectos dessa mensagem. Ainda é preciso destacar o fato de que os fatos representados não têm a descrição precisa na Bíblia, o que torna necessário o uso de elementos imaginários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a Igreja Adventista do Sétimo Dia ainda apresenta forte resistência à ficção, se ela não estiver de total acordo com a Bíblia e os escritos de Ellen G. White. Como a escritora vivia em uma época onde a ficção era considerada um mal para o desenvolvimento intelectual, ela a considerava como perigosa. Porém, muitas vezes esse contexto não é explorado, deixando a posição de Ellen G. White incompleta e sem o total entendimento. Para a igreja e seus membros, de forma generalizada, a ficção só é boa para o intelecto se for “santificada”. O paradigma realidade *versus* ficção vai além quando se leva em conta não apenas o que foi dito sobre o assunto, mas questões ligadas à origem do movimento adventista, centrado no texto, e que valoriza a

racionalidade e cognição em detrimento das “paixões” ou emoções. Todos esses elementos trazem ainda mais resistência à utilização de material audiovisual ficcional.

A falta de entendimento por parte da Igreja sobre o assunto é a principal causa do estigma ficção x realidade. Se não contiver elementos reais e comprovados, não é considerado de bom proveito. O exemplo mais recente sobre o preconceito existente sobre a ficção é a rejeição da websérie *The Record Keeper*, visto que ela deveria ser uma maneira de evangelizar um público diferente. Após a realização do projeto, no entanto, a ficção foi vista como empecilho para a real compreensão da Bíblia, confirmando ainda mais o paradigma ficção x realidade.

BIBLIOGRAFIA

BULL, Malcolm e LOCKHART, Keith. **Seeking a Sanctuary**: Seventh-day adventism and the american dream. Bloomington, USA: Indiana University Press, 2007.

LAND, Gary (Org.). **The World of Ellen G. White**. Washington, DC, USA: Review and Heral Publishing Association, 1987.

MONCRIEFF, Scott. Adventistas e ficção: outra consideração. **Diálogo**, v. 8, no 3, pp. 9-12, 1996.

NOVAES, Allan. **O problema adventismo-televisão**: uma análise do pensamento adventista sobre a TV a partir da tipologia de H. Richard Niebuhr em Cristo e Cultura. 2016. 323 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo.

TORRES, M. Ellen G. White a ficção literária. **Kerygma**, v. 9, no 2, 2013.

WHITE, Ellen. **A Ciência do Bom Viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.